

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA AXIOMÁTICA METAESTÁVEL NOS ESTUDOS DA PERCEPÇÃO

Danilo Augusto Santos Melo¹

Bruno Soares Pinheiro²

Sávio de Araújo Gomes³

Resumo:

Os estudos capitaneados pelos teóricos da *Gestalt* estabeleceram importantes avanços em relação ao campo de investigação da percepção na psicologia, sobretudo acerca do elementarismo presente na abordagem associaçãoista, perspectiva prevalente até aquele momento. No entanto, apesar dos avanços epistemológicos, a psicologia da *Gestalt* manteve sua posição ontológica equivalente à perspectiva da qual se opôs ao privilegiar e substancializar o conceito de forma. Encontramos na filosofia da individuação de Gilbert Simondon uma abordagem que retoma os estudos da percepção desde uma axiomática que renova suas condições ontológicas ao substituir o modo de pensamento pautado na noção de equilíbrio estável, inerente à psicologia da *Gestalt*, por uma perspectiva intensiva e metaestável que busca investigar a forma a partir de seu processo de gênese. Ao adotar tal direção, Simondon concebe o indivíduo como uma realidade transdutiva a partir da qual a gênese da percepção é contemporânea tanto da individuação do psiquismo quanto do coletivo, lançando assim as bases de uma axiomática transindividual aplicada à investigação dos processos perceptivos.

Palavras-chave: percepção; psicologia da *Gestalt*; Simondon; metaestabilidade; transdução.

SIMONDON AND GESTALT PSYCHOLOGY: TOWARD A METASTABLE AXIOMATIC IN THE STUDY OF PERCEPTION

Abstract:

The studies led by *Gestalt* theorists established significant advances in the field of investigation of perception in psychology, especially regarding the elementarism present in the associationist approach, a perspective prevalent until that time. However, despite the epistemological advances, *Gestalt* psychology maintained an ontological stance equivalent to the approach it opposed by privileging and substantiating the concept of form. Gilbert Simondon's philosophy of individuation offers an alternative framework that revisits the study of perception through an axiomatic that renews its ontological conditions by replacing the mode of thought based on the notion of stable equilibrium, proposed by *Gestalt* psychology, with an intensive and metastable perspective that seeks to investigate form through its process of genesis. By adopting this direction, Simondon conceives the individual as a transductive reality, wherein the genesis of perception is contemporaneous with the individuation of the psyche and the collective, thus laying the foundations of a transindividual axiomatic applied to the investigation of perceptual processes.

Keywords: perception; *Gestalt* psychology; Simondon; metastability; transduction.

¹ Professor do departamento de Psicologia da UFF (Campus Rio das Ostras). Doutor em Memória Social (UNIRIO). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2750-1377>. E-mail: danilom@id.uff.br

² Psicólogo (Bolsista de iniciação científica – PIBIC/UFF). ORCID: <http://orcid.org/0009-0006-7405-4687>. E-mail: bspsoares@gmail.com

³ Professor do curso de Psicologia na UNESA (Campus Macaé e Cabo Frio). Mestre em Psicologia (UFRJ). ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2111-5192>. E-mail: savioag@gmail.com

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

O problema da percepção introduz a perspectiva da individuação psíquica de Gilbert Simondon, situando-o de saída numa posição diferente das usualmente atribuídas nos estudos conduzidos pelas psicologias associacionista e gestaltista. Na primeira, as unidades perceptivas seriam integradas pela associação de elementos de sensação, tomados como unidades substanciais. Na segunda, a segregação das unidades perceptivas vai além do simples somatório de elementos substanciais, buscando compreender a percepção a partir da operação de leis que manifestam na experiência fenômenos de totalidade. Simondon privilegiará o debate com a psicologia da *Gestalt*, apresentando seus limites e propondo simultaneamente a necessidade de se conceber uma outra axiomática que permita pensar a gênese da percepção a partir de um sistema de relações que constituirá a base dos processos de individuação psíquica e coletiva⁴.

Desse modo, enquanto a psicologia da *Gestalt* busca sistematizar o estudo da percepção baseado na investigação de leis e princípios que compreendem a segregação das unidades perceptivas como totalidades organizadas, a teoria da individuação de Gilbert Simondon compreende a gênese da percepção a partir de uma atividade que se opera na relação entre o vivente e o mundo e que busca resolver a problemática a partir da qual uma forma percebida é inventada. A diferença das abordagens é explicitamente demarcada por uma revisão crítica do gestaltismo realizada por Simondon, que aponta, dentre outros aspectos, para as consequências da eleição do *equilíbrio estável* como fundamento de ordenação da forma. Sua proposição parte do estabelecimento de uma nova axiomática (caracterizada pelo realismo relacional e antissubstancialismo) que introduz a necessidade de pensar o problema da percepção a partir da noção de *equilíbrio metaestável*.

Para os gestaltistas, portanto, a percepção seria uma função psíquica cujas formas se determinam como resultado de uma tendência ao equilíbrio estável. Para o filósofo, a gênese da percepção é pensada como a resolução parcial de uma problemática que não se esgota na forma enquanto categoria de análise hierarquicamente mais elevada em relação à dimensão sistêmica e metaestável do processo inicial de individuação do psiquismo.

⁴ Neste estudo vamos nos deter apenas nas contribuições da tese principal de Simondon (*A Individuação à luz das noções de forma e informação*) para tratar o problema da percepção a partir da filosofia da individuação, sem considerar os cursos posteriores (*Sur la perception* e *Sur la psychologie*) nos quais os debates com o gestaltismo reaparece norteado por outros interesses do filósofo.

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

Apresentaremos a seguir os principais aspectos que delimitam a perspectiva da psicologia da *Gestalt*, para num segundo momento localizar as contribuições de Gilbert Simondon para o campo psicológico de estudos sobre a percepção.

Princípios da teoria da *Gestalt*

A psicologia da *Gestalt* considera a forma, ou estrutura, como nível de organização básica dos dados sensoriais, sendo esta resultado da dinâmica de agrupamento da própria matéria (isomorfismo), visto que sem forma tanto percepção quanto matéria seriam pura multiplicidade caótica. Essa abordagem desvia a investigação dos processos de individuação da percepção e estrutura seu campo explicativo a partir da forma como dado inteligível. De acordo com os psicólogos da *Gestalt*, sempre nos encontramos em presença de fatos organizados, e o objetivo do estudo da percepção deve ser o de encontrar as leis que estruturam essa organização (Guillaume, 1960). Segundo sua perspectiva, os fatos psíquicos são formas, quer dizer, unidades orgânicas que se individualizam e se limitam no campo espaço-temporal da percepção. Assim, para Koffka (1975, p. 691), um dos principais representantes do gestaltismo,

uma gestalt é um produto de organização; a organização é o processo que leva a uma gestalt. Mas, como definição, essa determinação só seria suficiente se subentendesse a natureza da organização, tal como foi expressa na lei de pregnância (*prägnanz*); se nos lembrasse que a organização, como uma categoria, é diametralmente oposta à mera justaposição ou distribuição ao acaso.

Por considerar infrutífera a busca pela determinação dos elementos da percepção – posição crítica ao associaçãoismo – a psicologia da *Gestalt* passa a considerar como problema válido a investigação sobre as condições de aparecimento e transformação das formas. Desse modo, os sistemas perceptivos tenderiam a uma estruturação estacionária marcada pelo estado de equilíbrio como condição. Isso se expressa nos experimentos gestaltistas a partir da recorrente constatação da redução do potencial de energia nas situações perceptivas, de modo que a percepção procura constituir as estruturas mais regulares e simétricas (Kohler, 1980). Mesmo quando uma força externa vem a ameaçar tal equilíbrio, a tendência é que esta seja anulada até que se retorne ao estado mais homogêneo do sistema. Conforme propôs Wertheimer (2011), haveria uma tendência geral das estruturas serem tão simples e regulares quanto for

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

possível nas atuais condições: esse princípio é conhecido como a *Lei da Boa forma* ou de *Lei de pregnância das formas*. Vejamos como Koffka (1975, p. 120-121) a considera:

Embora não tenhamos avançado muito, conseguimos alguma coisa, porquanto agora, pelo menos, podemos selecionar organizações psicológicas que ocorrem sob condições simples e predizer, portanto, que elas devem possuir regularidade, simetria, simplicidade. [...] O princípio foi apresentado por Wertheimer, que o chamou de *Lei da Prägnanz*. Esta lei pode ser sucintamente formulada da seguinte maneira: a organização psicológica será sempre tão “boa” quanto as condições reinantes permitirem. Nesta definição, o termo “boa” é indefinido. Abrange propriedades tais como a regularidade, a simetria, a simplicidade, e outras que iremos encontrar no decurso de nosso trabalho.

Nos estudos sobre a percepção, a aplicação deste princípio vai se endereçar à compreensão do problema da segregação das unidades perceptivas. Portanto, a organização da forma não depende tanto da educação, dos fatores apriorísticos, quanto de um conjunto de sensações organizadas por um processo psicofísico que se dá por leis de organização espontânea. Para estudar essas leis os psicólogos da *Gestalt* fazem experimentos perceptivos onde, por exemplo, são observadas imagens desprovidas de significação para que não haja ideias preconcebidas ao percebê-las. Apresentando ao experimentador dois grupos de manchas em um papel, nota-se para este que um certo agrupamento se impõe sobre os demais, em que as manchas de um grupo de imagens não se agregam a outro grupo a depender da *proximidade* em que estão situadas. Outro fator para que essas manchas formem grupos de imagens é a *semelhança*, pois uma vez que a forma ou algum elemento como a cor ou o tamanho são semelhantes o agrupamento ganha pregnância e a percepção tende mais facilmente a formar um grupo de imagens (Wertheimer, 1980).

Comentando a predominância dos agrupamentos formados pela percepção, Guillaume (1960, p. 43) afirma:

Pode-se, pois, dizer que no conflito entre as formas possíveis, o agrupamento, ou a disjunção, fazem-se no sentido da realização de uma forma privilegiada. As formas privilegiadas são *regulares, simples, simétricas*. A forma que é percebida é a *melhor possível* (lei da boa forma). A influência da regularidade e da simetria manifestava-se já nos exemplos precedentes; todos os fatores estudados até aqui são mais eficazes quando estão associados à simetria, e menos eficazes quando em conflito com ela.

Verificou-se também que todo objeto sensível não existe sem relação com um certo “fundo” – mesmo que esse objeto seja sonoro, uma vez que se no contexto musical se pode estabelecer relação entre a melodia predominante (figura) e sons menos marcantes (fundo). Há

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

sempre uma diferença significativa entre a figura e o fundo, posições que podem se alternar segundo os variados tensionamentos presentes na situação perceptiva. A figura é definida por possuir contorno, limites, organização, forma, enquanto a totalidade do fundo é constituída por uma indefinição amorfa. A figura é apreendida como a parte que oferece mais estabilidade e resistência à variação para a percepção (Koffka, 1975).

Na psicologia da *Gestalt*, portanto, a noção de equilíbrio estável de uma forma se torna um fator importante para a percepção, de modo que quanto menos instável uma forma for, maior será sua pregnância na percepção. A principal lei da percepção, a “lei da boa forma”, tem como princípio o equilíbrio estável e a pregnância, e desse modo a percepção é compreendida como processo de redução de tensão energética. Considerando esse cenário, acompanharemos a seguir algumas das críticas de Simondon à centralidade da noção de equilíbrio estável e de “boa forma” na psicologia da *Gestalt*, buscando compreender como a adoção desses princípios afastam a investigação psicológica tanto da problemática da gênese perceptiva quanto do problema da individuação do psiquismo, na medida em que repousam sobre um paradigma meramente estrutural e estável.

Gênese da percepção em Gilbert Simondon

O problema da individuação em Gilbert Simondon oferece uma compreensão renovada do ato perceptivo que excita novos questionamentos no campo de estudos sobre o tema. Vimos que a psicologia da *Gestalt* tinha como problema compreender como um sujeito frente a um objeto chega a apreendê-lo como uma forma totalizada e não como um emaranhado confuso de sensações. Em vista disso os gestaltistas conceberam algumas condições de possibilidade *a priori*, encarnadas através do conceito de “boa forma”. Contudo, Simondon aponta a importância de interrogar sobre os processos ontogenéticos aí implicados a fim de se obter respostas satisfatórias sobre a relação da percepção com as formas.

A este problema a psicologia da *Gestalt* ofereceu uma resposta inatista, considerando que a unidade percebida seria apreendida de uma só vez a partir de algumas leis que não levam em conta o problema da gênese das formas. Ao que Simondon (2020, p. 147) contrapõe:

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

Se a forma estivesse verdadeiramente dada e predeterminada, não haveria nenhuma gênese, nenhuma plasticidade, nenhuma incerteza relativa ao porvir de um sistema físico, de um organismo ou de um campo perceptivo; mas esse não é precisamente o caso. Há uma gênese das formas assim como há uma gênese da vida.

Na psicologia da *Gestalt* o conjunto de formas que aparece ao observador é uma estrutura que revela apenas o resultado de um apaziguamento das tensões e um aumento da entropia, pois somente quando estas formas têm seu potencial energético reduzido é que podem ser consideradas uma “boa forma”. No entanto, para Simondon (2020) a percepção constitui um sistema caracterizado por uma unidade metaestável e composto pela pluralidade de conjuntos entre os quais existe uma relação de analogia e presença de potencial energético (realidade pré-individual). Desse modo, para que uma determinada forma se constitua, ela precisa incorporar o que Simondon denomina ser o fundamento da disparaçao, isto é, a presença de uma diferença de potencial entre duas escalas de realidade pré-individuais. A disparaçao é uma terminologia advinda da teoria psicofisiológica da percepção, ela acontece quando as imagens retinianas produzidas no olho esquerdo e direito são captadas como diferenças singulares no sistema perceptivo visual que integra essas disparações em um conjunto de grau superior estabelecendo uma percepção mais ampla.

A teoria da individuação concebe a resolução de uma problemática perceptiva a partir da integração de suas tensões a um equilíbrio metaestável, o qual tem por característica a organização de uma magnitude mais elevada de energia do sistema que aquela que o equilíbrio estável permite. É a descoberta de novas estruturas e funções que torna possível essa compatibilidade entre as tensões que o indivíduo porta, as quais permanecem constantes nessa perspectiva metaestável. “Infelizmente, um paradigmismo físico sumário demais levou a teoria da forma a considerar apenas o equilíbrio estável como estado de equilíbrio de um sistema que pode resolver tensões: a teoria da forma ignorou a metaestabilidade” (Simondon, 2020, p. 33). Por outro lado, quando o sistema se encontra metaestável, o determinismo da “boa forma” se torna ineficiente como princípio explicativo.

O estado de metaestabilidade pode ser compreendido como um estado de conflito, onde o momento de maior incerteza é o mais decisivo, é a origem absoluta dos determinismos genéticos, portanto “é necessário que um estado metaestável preceda a percepção” (Simondon, 2020, p. 363). No entanto, a gênese das formas não é necessariamente uma transformação, visto

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

que esta pode proceder de uma degradação dos potenciais metaestáveis e com isso retirar do processo de geração o poder de servir como palco de novas individuações. Há, portanto,

gênese de formas quando a relação de um conjunto vivo ao seu meio e a si mesmo passa por uma fase crítica, rica em tensões e em virtualidade, e se finda pelo desaparecimento da espécie ou pelo aparecimento de uma nova forma de vida. O todo da situação é constituído não somente pela espécie e seu meio, mas também pela tensão do conjunto formado pela relação da espécie ao seu meio e no qual as relações de incompatibilidade devêm cada vez mais fortes (Simondon, 2020, p. 348).

O todo do conjunto ao qual Simondon se refere não diz respeito apenas ao sujeito e seu mundo, mas também inclui a *relação* entre ambos. Para se referir a esse conjunto Simondon usa uma noção designada por Kurt Lewin (1965) que corrobora com a tese de que os conflitos e as incompatibilidades se integram ao *campo psicológico*. Eis aqui outra crítica à psicologia da *Gestalt*, visto que esta reduz os fenômenos psicológicos aos termos exclusivos do sujeito e do mundo, enquanto Simondon inclui a relação de ambos, formando um conjunto entre três elementos presentes no campo. Assim, anteriormente ao momento em que a percepção emerge por meio da gênese da forma, há uma relação de incompatibilidade entre o sujeito e o mundo, uma tensão na relação entre ambos, um conflito que se define por certo grau de metaestabilidade. Desse modo, Simondon (2020, p. 349) comprehende que

a percepção não é a apreensão de uma forma, mas a solução de um conflito, a descoberta de uma compatibilidade, a *invenção* de uma forma. Essa forma que é a percepção modifica não somente a relação do objeto e do sujeito, mas ainda a estrutura do objeto e do sujeito. Ela é suscetível de degradar-se, como todas as formas físicas e vitais, e essa degradação é também uma degradação de todo o sujeito, pois cada forma faz parte da estrutura do sujeito.

Neste sentido, o conceito de “boa forma” para Simondon se apresenta como insuficiente para explicar a segregação das unidades perceptivas ou a gênese das formas, pois a individuação supõe uma disparação entre ordens de grandeza metaestáveis a partir das quais a forma surge como a invenção de uma mediação. No instante da percepção há toda uma orientação no conjunto que capta a sua polaridade, antes da apreensão de uma forma. O descobrimento de tais polaridades é correlativo à segregação das unidades perceptivas e acontece somente após o estabelecimento, no sistema em questão, de um estado de tensão, rico em potencialidades. Após o descobrimento de uma polaridade própria do objeto há o aparecimento de uma unidade que reorienta o campo perceptivo. Simondon exemplifica essa

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

operação afirmando que uma criança pequena percebe um animal não por meio de uma forma geométrica (pressuposta como mais estável), mas por meio do esquema corporal que está implicado em uma situação metaestável constituída pelo temor, pela simpatia, pelo medo etc. Portanto, “é a tensão, o grau de metaestabilidade do sistema formado pela criança e pelo animal numa situação determinada que se estrutura em percepção do esquema corporal do animal” (Simondon, 2020, p. 350-351). Neste exemplo, a percepção individual não é apenas a forma de um objeto, mas também sua orientação no conjunto, sua polaridade. É a tensão prévia o que permite que a percepção chegue a uma segregação das unidades a partir da descoberta da polaridade de tais unidades. Desse modo,

não basta perceber os detalhes ou os conjuntos organizados na unidade de uma boa forma: ainda é preciso que esses detalhes, como esses conjuntos, tenham um sentido relativamente a nós, que eles sejam apreendidos como intermediários entre o sujeito e o mundo, como sinais que permitam o acoplamento do sujeito e do mundo. O objeto é uma realidade excepcional; de maneira corrente, não é o objeto que é percebido, mas o mundo, polarizado de maneira tal que a situação tenha um sentido (Simondon, 2020, p. 361).

A gênese da percepção faz emergir simultaneamente a orientação do sujeito em relação ao mundo e o sentido do mundo para o sujeito. A unidade de percepção individuada a partir do sistema metaestável formado pelo sujeito e pelo mundo opera, de acordo com Simondon (2020), uma atividade de informação. Trata-se de uma atividade relacional que não pode ser quantificada abstratamente, mas deve ser caracterizada em referência aos esquemas e estruturas do sistema em que ela vem a existir. A informação para Simondon seria a individuação do sentido ou significação que emerge no sistema de relação sujeito-mundo, e cuja realidade não poderia ser definida a partir do conceito de “boa forma” da psicologia da *Gestalt*, nem reduzida aos aspectos qualitativos e quantitativos dos sinais e suportes da informação propostos pela teoria tecnológica da informação. Portanto, a realidade da informação é da ordem da *intensidade* e implica um dinamismo vital a partir do qual o sujeito se situa permanentemente no mundo. Diante dessa perspectiva, Simondon chega a sugerir que

a noção de forma deve ser substituída pela de informação, a qual supõe a existência de um sistema em estado de equilíbrio metaestável que pode individuar-se; a informação, diferentemente da forma, nunca é um termo único, mas é a significação que surge de uma disparação (Simondon, 2020, p. 33, itálico no original).

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

Com essa sugestão, Simondon pretende pensar a percepção a partir de seu aspecto energético e intensivo que havia sido obscurecido pelas noções equilíbrio estável, regularidade, simplicidade, simetria e totalidade atribuídas pela psicologia da *Gestalt* para se referir à gênese das formas. É preciso partir, no entanto, de um sistema de relações intensivas formado pelo sujeito e pelo mundo no qual está presente para que um sentido venha se individuar como resolução da disparidade contida em tal sistema. A unidade perceptiva que aparece como solução da incompatibilidade presente no sistema tem sua *pregnância* garantida não mais pelo esgotamento energético das tensões, mas pela manutenção de um grau de intensidade. Nessa perspectiva,

é preciso distinguir a estabilidade da percepção de sua pregnância. [...] a percepção é tanto mais pregnante quanto mais forte for o dinamismo do estado de incompatibilidade anterior; o temor, o desejo intenso, ambos dão à percepção grande intensidade [...]. Certas tonalidades, certas cores, certos timbres podem entrar numa percepção intensa, mesmo sem constituir uma boa forma. [...] a pregnância está verdadeiramente ligada ao caráter dinâmico do campo perceptivo; ela não é somente uma consequência da forma, mas também, e sobretudo, do alcance da solução que ela constitui para a problemática vital (Simondon, 2020, p. 364-365).

Ao buscar substituir a noção de forma pela de informação, Simondon pretende “introduzir uma condição quântica” nos estudos da percepção e mostrar que os problemas colocados pela psicologia da *Gestalt* não podem encontrar uma solução direta a partir da noção de equilíbrio estável. Com a introdução da noção quântica de equilíbrio metaestável, a forma pregnante ou “boa forma” não seria mais aquela marcada pela simetria ou simplicidade, tal como a forma geométrica apresentada nos estudos da psicologia da *Gestalt*, mas “aquela que estabelece uma ordem transdutiva no interior de um sistema de realidade que comporta potenciais” (Simondon, 2020, p. 33), e que ele denomina de *forma significativa*. A forma pregnante ou significativa seria então responsável por manter o nível energético do sistema ao compatibilizar os potenciais díspares nele presente.

Simondon indica, entretanto, que o predomínio concedido ao paradigma do equilíbrio estável pelos teóricos da psicologia da forma se deve ao fato de seus experimentos realizados em laboratório priorizarem as formas geométricas e o controle das situações experimentais, proporcionando uma diminuição da tensão tanto do ambiente quanto para o sujeito da experiência. Em contrapartida, caso o retirássemos das condições experimentais de um laboratório controlado e o colocássemos na vida cotidiana, seria possível observar o

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

aparecimento de formas tão pregnantes como as puramente geométricas, devido ao rico estado de tensão provocado pelas imprevisíveis situações de incompatibilidade presentes na vida ordinária. Assim, longe de manter o participante da experiência distante das condições metaestáveis necessárias responsáveis pela gênese das formas, Simondon (2020, p. 360) sugere que se deve “considerar o sujeito inteiro numa situação concreta, com as tendências, os instintos, as paixões, e não o sujeito em laboratório, numa situação que tem, em geral, uma fraca valorização emotiva”.

Percepção e individuação psíquica como operação transdutiva

Esta nova axiomática proposta por Simondon para pensar a gênese da percepção comprehende que o sujeito não é um ser substancial, mas uma *realidade transdutiva*, isto é, “a realidade de uma relação metaestável”⁵ (Simondon, 2020, p. 352) cujo equilíbrio é marcado por um dinamismo entre as tensões presentes no sistema. Neste sentido, perceber é um gesto ativo que opera a compatibilização constante das diferenças de potenciais do sistema sujeito-mundo sob a forma de estruturações que dão sentido às unidades perceptivas que servem, simultaneamente, para orientar as ações do sujeito. A gênese da percepção é, portanto, uma operação transdutiva, cuja atividade é ao mesmo tempo estrutural e funcional e se estende em diversas direções pelo aparecimento progressivo de dimensões de sentido de mundo e ações correlativas a estas dimensões.

Assim, a individuação da percepção expressa um modo de participação no sistema de relações que faz comunicar as energias potenciais pré-individuais carregadas pelo sujeito com as energias potenciais pré-individuais contidas no mundo exterior. A partir dela, o sujeito se torna capaz de representar para si a sua ação através do mundo e, ao mesmo tempo, representar o mundo no qual ele se reconhece e age. Vemos surgir nesta dupla participação a individuação do *psiquismo* como relação do sujeito a si mesmo, e do *coletivo* como relação do sujeito a uma individuação mais vasta do que ele. No entanto, é preciso salientar que Simondon

⁵ Para um aprofundamento sobre o realismo das relações na filosofia de Gilbert Simondon cf. Barthélémy, Jean-Hugues et Bontems, Vincent. **Relativité et réalité** - Nottale, Simondon et le réalisme des relations. In: *Revue de synthèse*: 4e S. no 1, janv.-mars 2001, p. 27-54; Debaise, Didier. Qu'est-ce qu'une pensée relationnelle? In: **Multitudes**, 2004/4 no 18, p. 15-23. ; e Debaise, Didier. Les conditions d'une pensée de la relation. In: Chabot, Pascal (ed.). **Simondon**, Paris, Vrin, 2002, p. 53-68.

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

busca “pensar a relação interior e exterior ao indivíduo como participação, sem apelar para novas substâncias” (Simondon, 2020, p. 23). O que resulta na compreensão de que

o psiquismo não é nem pura interioridade, nem pura exterioridade, mas permanente diferenciação e integração, segundo um regime de causalidade e de finalidade associadas que chamaremos transdução e que nos parece um processo primeiro relativamente à causalidade e à finalidade, exprimindo os casos-limites de um processo fundamental (Simondon, 2020, p. 366-367).

Simondon considera, desse modo, a operação transdutiva como o fundamento da individuação nos mais diferentes regimes, e que não pode ser suficientemente pensada a partir da noção de forma proposta pelos teóricos da *Gestalt*, uma vez que esta procede do mesmo sistema de pensamento que a noção de substância: isto é, trata-se de noções “elaboradas a partir dos resultados da individuação; elas só podem apreender um real empobrecido, sem potenciais e, portanto, incapaz de se individuar” (2020, p. 33). De outra maneira, Simondon pensa a transdução como a operação de dupla relação do indivíduo a si mesmo e de relação do indivíduo ao mundo. A individuação do psiquismo é, assim, marcada por uma autoposição e por uma heteroposição reguladas permanentemente por uma polarização afetivo-emotiva que expressa o centro metaestável do indivíduo.

Desse modo, o paradigma da metaestabilidade proposto por Simondon aplicado à compreensão da gênese da percepção nos permite pensar que

a entrada na via da individuação psíquica obriga o ser individuado a se ultrapassar; a problemática psíquica, apelando para a realidade pré-individual, chega a funções e a estruturas que não acabam no interior dos limites do ser individuado vivo; quando essa realidade é apreendida numa nova individuação encetada pelo vivente, ela conserva uma relação de participação que atrela cada ser psíquico aos outros seres psíquicos; o psíquico é transindividual nascente (Simondon, 2020, p. 242).

Por fim, pensar a gênese da percepção a partir de uma axiomática que se afasta de qualquer posição substancialista, implica em compreender o psiquismo imediatamente como a descoberta de uma dimensão que ultrapassa os limites do indivíduo como organismo vivo. Ao compreender o indivíduo como uma realidade transdutiva, Simondon estabelece uma perspectiva na qual o ser psíquico é incorporado num sistema de individuação cuja problemática deve ser investigada na zona limite entre o sujeito e o mundo, denominada transindividual. Nesse limite transdutivo, a percepção não pode ser mais entendida a partir da

SIMONDON E A PSICOLOGIA DA GESTALT: POR UMA...

Danilo Augusto Santos Melo / Bruno Soares Pinheiro / Sávio de Araújo Gomes

forma estável, mas como o sentido que emerge como mediação numa individuação perpetuada pelos dinamismos metaestáveis presentes nos sistemas de relações.

Referências Bibliográficas

- BARTHÉLÉMY, Jean-Hugues et BONTEMS, Vincent. **Relativité et réalité - Nottale, Simondon et le réalisme des relations.** In: *Revue de synthèse*: 4e S. no 1, janv.-mars 2001, p. 27-54.
- DEBAISE, Didier. **Qu'est-ce qu'une pensée relationnelle?** In: *Multitudes*, 2004/4 no 18, p. 15-23.
- DEBAISE, Didier. Les conditions d'une pensée de la relation. In: CHABOT, Pascal (ed.). **Simondon**, Paris, Vrin, 2002, p. 53-68.
- GUILLAUME, Paul. **Psicologia da forma.** 2 ed. Trad. Irineu de Moura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- KOFFKA, Kurt. **Princípios de Psicologia da Gestalt.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix e USP, 1975.
- KÖHLER, Wolfgang. **Psicologia da gestalt.** Trad. David Jardim. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.
- LEWIN, Kurt. **Teoria de campo em ciência social.** Trad. Carolina Marthiscelli Bori. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1965.
- SIMONDON, Gilbert. **A Individuação à luz das noções de forma e de informação.** 1 ed. Trad. Luís Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020.
- WERTHEIMER, W. **Leis da organização das formas perceptuais.** Trad. de Charlston Pablo do Nascimento. In: Revista Inquietude, Goiânia, vol. 2, n° 1, jan/jul – 2011.